

Em mera operação aritmética, as nossas reservas, na última semana, caíram 25 bilhões de dólares; nesta semana estarão caindo mais 10 bilhões. Sem considerar os antecedentes, nossas orgulhosas reservas reduziram-se a 345 bilhões de dólares para conter instabilidades não conjunturais, mas pontuais num mix de baderna administrativa e incompetência na gestão econômica, gerencial, como um todo, e especialmente política, a considerar, no panorama descortinado, as eleições de Outubro. Estamos torrando dólares por causa do dólar, cuja alta tem também acentuado traço especulativo.

O senhor da chave do maior arsenal do planeta, em termos diplomáticos, econômicos, sociais, de direitos humanos, tornou-se um flagelo internacional. Conseguindo a façanha de brigar com todos os lados na crença de que isso é bom para o seu país e com possíveis projetos não declarados em mente, além de uma cenarização típica dos conhecedores que são da matéria, cristalizou sua política do sobressalto ao esboçar uma aliança, em termos não muito claros, entre os membros do G7, as sete maiores Economias globais. E mais um passo de algo há bastante tempo esboçado e, sorratamente, em pleno curso de realização. A vocação para o diversionismo não faz bem ao mundo, extremamente necessitado de assertivas do bem, especialmente quando a incerteza deixada estimula o autoritarismo, apreciado também em outros dirigentes nacionais. Isso é no mínimo estímulo para o jogo de cena e para o uso do discurso destrutivo com laivos de ódio já em voga em países com pretendentes a senhores de engenho, que, de seu turno, se querem *covers* do pregador das discriminações, forte defensor, em atitudes, da volta com tudo ao semi-aposentado *big stick*. Não sem boas razões nota-se no Brasil ex-passeateiros com saudades da ex-presidente Dilma, e, ahures, um bocado de gente sentindo saudades do ex-presidente Obama.

Temos ainda uma Europa europeia. Isso é bom para o mundo. Tal é o grau de insegurança geral, entretanto — política e econômica próximas, escassez de água em regiões e países mundo afora, moedas liquefazendo-se, Economias travadas e sem reais perspectivas de avanços, os direitos humanos, inclusive ao trabalho e à alimentação, postos de lado, prensas nas populações menos favorecidas contra a parede para seguir beneficiando o terço superior da pirâmide social —, que a prudência e o instinto de sobrevivência apontam numa direção única, a do sacrifício, não da população em geral, que sempre acaba pagando a conta da manutenção do *statu quo* histórico.

Quanto à nossa realidade, os pretendentes a presidente com maior visibilidade estão em ritmo de alianças, cujo apoio, como sabemos, é pago com cargos, facilidades, benesses, vantagens das mais absurdas, nossa desgraça administrativa, econômica e social. E tudo isso porque tais pretendentes sabem que querem ser presidente do país, mas não sabem o que fazer de fato para tira-lo do atoleiro em que se encontra; o grande problema é que são capazes de vender a alma ao diabo para alcançarem seus objetivos, depois é depois para eles. O que sabemos, contudo, desse depois é depois é que não haverá “depois” para eles, mas sim para a população que, como nunca deixou de ocorrer, acabará pagando a conta mais uma vez. Qualquer programa de governo que não ataque os benefícios fiscais do empresariado, hoje esbarrando nos 6% (seis por cento) do PIB — causa direta do desequilíbrio das contas federais, sem os quais seríamos superavitários — e a estrutura da República, superdimensionada para os seus recursos e necessidades (o Congresso, por exemplo), não levará a lugar nenhum, somente agravará o quadro atualmente diante de nós. É falaciosa essa história de combate à corrupção pelo presidente; ela é endêmica, não é trabalho dele, que não tem meios de fazê-lo *per se* e cabe às instituições que existem e são pagas para isso. Além de permanente e rigoroso controle.

No fundo, no fundo, o que precisamos, mesmo, é de uma Constituinte, não de candidatos ou candidatas a candidatos com seus interesses partidários e corporativos; e muito menos dos seus aliados, que, se não forem atendidos em seus interesses, não deixarão o eleito governar, além do fato de que, pelo menos até agora, nenhum dos pretendentes posicionou-se com clareza quanto àquilo que, em sua concepção, proporcionará governabilidade e meios para o país sair do enleio em que o meteram. Eles próprios. Ao fim e ao cabo, porém, um ponto está bastante claro: Nenhum dos

pretendentes até agora surgidos tem condições ou disposição para enfrentar o desafio e os problemas que certamente surgirão para quem, de fato, tenha por meta reestruturar o país, uma necessidade imperiosa, questão de sobrevivência, não uma opção. Queira por favor ler com espírito crítico, mas aberto e objetivo, o meu artigo que reproduzo a seguir.

Temos de nos reestruturar, doa a quem doer, custe o sacrifício que custar, ou não haverá Brasil integral e independente para as futuras gerações de brasileiros. Seremos simplesmente engolidos. Nossas populações abaixo do terço superior da pirâmide social serão convertidas em amontoados de párias, selvagens sem futuro e dignidade, doentes e famintos, a negação absoluta da natureza humana. O terço superior, como já ocorre em boa parte, continuara cuidando de si mesmo, apenas de si mesmo, nada lhe importando, absolutamente — a dignidade apenas uma palavra sem sentido e significado —, desde que a grande casa de servidão seja dourada.

